

# Editorial

editorial

Em 2010, ocorreu um encontro internacional de revistas de história no Colégio do México, sob o título "Escribir y leer: lengua, autoridad y plataforma tecnológica em revistas de historia". O objetivo era discutir alguns desafios do trabalho acadêmico e da editoria de revistas científicas da área. O documento produzido foi intitulado *Declaración de el Colegio de Mexico* e divulgado no Brasil pela revista *Tempo* (UFF). Entre várias colocações relevantes, escolhemos destacar aqui uma constatação feita durante o encontro: a de que os níveis de interação entre as historiografias nacionais são muito limitados. Em parte, isso parece estar relacionado a outro aspecto apontado pelo documento: a forte autorreferencialidade, característica de toda disciplina monolíngue e nacional. Resta compreender os processos de difusão dos estudos históricos. Quais seriam os diálogos possíveis e o nível do conhecimento acerca da produção historiográfica de diferentes países que compartilham ou não o mesmo idioma? Haveria temas e problemas comuns capazes de suscitar diálogos internacionais e favorecer a constituição de redes de pesquisa?

Pensando nisso, este número apresenta o dossiê *Diálogos historiográficos: Brasil e Portugal*, organizado por Iris Kantor (Universidade de São Paulo) e Tiago C. P. dos Reis Miranda (Universidade Nova de Lisboa), um convite à reflexão sobre questões, debates e formas de abordagem que marcaram as historiografias portuguesa e brasileira. É um modo de incentivar outros diálogos sobre novos e velhos temas, com base na identificação das confluências e dos distanciamentos, cujo desconhecimento, acreditamos, é um dos obstáculos à internacionalização da produção historiográfica. E na seção de artigos livres, oferecemos uma amostra das reflexões que historiadores de diversos países (Argentina, Brasil, Espanha e França) têm produzido sobre temas capazes de despertar interesse para além da língua e dos casos nacionais: a história do tempo presente e a problemática da memória; o jogo semântico entre mito e logos na escrita da história; a questão da subjetividade do historiador; a relação entre teoria e práxis na obra de Antonio Gramsci; a produção de uma obra clássica, *Le problème de l'incroyance au XVIe siècle*, de Lucien Febvre; e o desafio hermenêutico frente à historiografia neopositivista. Todos os temas pertinentes para a compreensão dos problemas colocados aos historiadores de ontem e de hoje. Por fim, convidamos os leitores a explorar nossa seção de resenhas, cada vez mais importante, considerando a ampliação veloz e constante das publicações. Boa leitura!

Os editores,  
Arthur Alfaix Assis (UnB)  
Julio Bentivoglio (UFES)  
Rebeca Gontijo (UFRRJ)